



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : diálogos contemporâneos 3 /
Organizadora Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR:
Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-39-3

DOI 10.22533/at.ed.393201002

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Bôscaro, Ana Paula Dutra.
CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Por intermédio de diversos trabalhos acadêmicos, o livro *História: Diálogos Contemporâneos* apresenta-se como um importante espaço de intercâmbio cultural e científico. Ao articular as relações que se estabeleceram no passado e que continuam vigentes no presente, o livro abarca assuntos relevantes e que dialogam com diferentes áreas do conhecimento, propiciando discussões em entorno de questões políticas, sociais e culturais.

De modo cada vez mais sistemático, a historiografia tem se empenhado em desenvolver novas possibilidades investigativas. Os autores aqui reunidos, pautados em fontes documentais inéditas e/ou pouco exploradas, colaboram com o processo de construção do conhecimento histórico. Seus trabalhos, resultados de pesquisas originais, dialogam entre si e se completam. Daí a importância de um livro composto por obras que versam sobre diferentes assuntos.

No livro estão reunidas análises que dissertam sobre o uso da literatura e da narrativa nos estudos históricos; Trabalhos que refletem sobre o papel do ensino no contexto atual e sobre os diversos embates enfrentados por seus profissionais nos espaços escolares e nas universidades; Debates sobre questões relativas ao passado escravocrata e suas permanências nas relações sociais; Migrações forçadas no contexto atual, dentre outros temas que promovem um frutífero diálogo entre passado e presente.

Em síntese, a obra nos ajuda a compreender de que modo as marcas do passado se manifestam em nossa experiência atual. Desta feita, esperamos que a leitura dos capítulos que por ora se apresentam possam ampliar os conhecimentos e instigar novas pesquisas históricas. A todos, o desejo de uma excelente leitura!

Ana Paula Dutra Bôscaro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
RELATOS MEMORIAIS E RELATOS TESTEMUNHOS: O EXEMPLO DE ANTÔNIO PIGAFETTA (1491-1534)	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.3932010021	
CAPÍTULO 2	15
MARIA GRAHAM: A POLISSÊMICA NARRATIVA DA ESCRITORA INGLESA, SOBRE OS BRASIS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO OITOCENTOS	
Denise Maria Couto Gomes Porto	
DOI 10.22533/at.ed.3932010022	
CAPÍTULO 3	26
CAPITALISMO, COMUNISMO E A HISTÓRIA DO FUTURO: APONTAMENTOS DE PESQUISA SOBRE “A MÁQUINA DO TEMPO” DE H. G. WELLS (1895)	
Pedro Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.3932010023	
CAPÍTULO 4	40
MANOEL BOMFIM E MANUEL DE OLIVEIRA LIMA: A AMÉRICA LATINA SOB DIFERENTES PARADIGMAS RACIALISTAS	
José Geraldo Dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3932010024	
CAPÍTULO 5	54
ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR	
Janessa Pagnussat	
DOI 10.22533/at.ed.3932010025	
CAPÍTULO 6	65
AS INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO POLÍTICO DE ROUSSEAU NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	
Heloíse Montagner Coelho	
Thieser da Silva Farias	
DOI 10.22533/at.ed.3932010026	
CAPÍTULO 7	77
FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS, MONOPARENTALIDADE E O FENÔMENO ALIENAÇÃO PARENTAL: A CRÍTICA DA TEORIA SISTÊMICA À PERSPECTIVA DE RICHARD GARDNER	
Ronaldo da Costa Formiga	
DOI 10.22533/at.ed.3932010027	
CAPÍTULO 8	90
ESCRITAS DE SI: A PRODUÇÃO TEXTUAL NARRATIVA DESENVOLVIDA SOB UMA PERSPECTIVA SOCIAL E IDENTITÁRIA	
Tuany Maria Rodrigues Gonçalves Cianelli	
Bruna Sieiro Borges	
Fernanda Iglesias Webering	

Cláudia Cristina Mendes Giesel
Flávia Maria Farias Baptista da Cunha
DOI 10.22533/at.ed.3932010028

CAPÍTULO 9 101

UMA BASE CURRICULAR PARA TEMPOS NEOLIBERAIS

Gustavo de Faria Lopes
José Elias Domingos Costa Marques
Renato Gomes Vieira

DOI 10.22533/at.ed.3932010029

CAPÍTULO 10 112

A UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PEQUENOS VÍDEOS COM O INTUITO DE PROMOVER O DEBATE RELACIONADO À TEMAS RELEVANTES ÀS QUESTÕES ÉTNICOS-RACIAIS E O PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

Aline Kelly da Silva Faria
Madalena da Silva Faria

DOI 10.22533/at.ed.39320100210

CAPÍTULO 11 118

DESCONSTRUÍNDO ESTEREÓTIPOS SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Lucas Cardoso de Moura

DOI 10.22533/at.ed.39320100211

CAPÍTULO 12 126

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A UNIVERSIDADE: UM ESTUDO HISTÓRICO

Oscar Edgardo N. Escobar

DOI 10.22533/at.ed.39320100212

CAPÍTULO 13 139

HISTÓRIAS DA PSIQUIATRIA NO BRASIL E AS INTERDIÇÕES AO USO DE ÁLCOOL E DROGAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Ana Maria Cardachevski

DOI 10.22533/at.ed.39320100213

CAPÍTULO 14 153

A EXTREMA-DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O CASO DO MOVIMENTO MÍDIA SEM MÁSCARA E O USO IDEOLÓGICO DAS FONTES

Natalia dos Reis Cruz

DOI 10.22533/at.ed.39320100214

CAPÍTULO 15 162

MORRER NEGRO EM JACUTINGA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS FUNEBRES DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES DA FREGUESIA DE SANTO ANTONIO DE JACUTINGA

Ana Francisca Vasconcelos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.39320100215

CAPÍTULO 16	170
DA RODA DOS EXPOSTOS AO MERCADO DE TRABALHO Claudia Alves d`Almeida DOI 10.22533/at.ed.39320100216	
CAPÍTULO 17	179
A DINÂMICA ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA JUSTIÇA COLONIAL DO NORTE DE MOÇAMBIQUE (1930) Inajá Reis Costa DOI 10.22533/at.ed.39320100217	
CAPÍTULO 18	191
ENTRE SEMENTES E FRUTOS: DOM JOÃO DA MATA ANDRADE E A ROMANIZAÇÃO EM MANAUS (1941-1948) Elisângela Maciel DOI 10.22533/at.ed.39320100218	
CAPÍTULO 19	202
MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS FORÇADOS E QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC) Tatiane Sant'Ana Coelho Reis DOI 10.22533/at.ed.39320100219	
SOBRE A ORGANIZADORA	212
ÍNDICE REMISSIVO	213

RELATOS MEMORIAIS E RELATOS TESTEMUNHOS: O EXEMPLO DE ANTÔNIO PIGAFETTA (1491-1534)

Data de aceite: 04/03/2020

Michel Kobelinski

SOBRE MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO E ORALIDADE

Desde os primórdios da humanidade as funções da memória e da imaginação foram plurais, tanto por representar quanto por preencher os vazios que a experiência humana não pôde captar da densa realidade. Entender a si mesmo e o mundo resultou do efeito de preenchimento que combinou elementos do racional e do sensível para lidar com o inexplicável. Na Antiguidade a história era considerada menos expressiva do que a poesia e, referia-se ambigualmente ao testemunho e ao imaginário. Sua marca essencial era oscilar entre o real e o ficcional. O conhecimento de mundo também se manifestava através da oralidade, a qual era transmitida de geração a geração, apesar do inconveniente de sua rastreabilidade. Dados estes contornos, por que não refletir sobre os efeitos das narrativas impregnadas por estes elementos? Por que não se ater sobre uma escrita que imaginou e fantasiou a América e o mundo? Diga-se de passagem, que nossa reflexão é limitada e

incompleta por não fazer mais do que trabalhar com fragmentos de uma escrita mais ampla.

Nem ponto de partida, tampouco ponto de chegada. A reflexão de Campoy se detém no trânsito e nos descaminhos da memória, da imaginação e da oralidade nas Letras da América Latina. E, de fato, este direcionamento é significativo, pois nos permite fazer emergir diversas alusões ao passado, as quais, muitas vezes, são negligenciadas pela literatura e pela história. A crítica literária, a filosofia e a filosofia da história são elementos fundamentais à compreensão de como os processos narrativos contribuíram para a criação e aniquilação destes elementos: “a ideia é lançar luz sobre a apropriação de certas técnicas narrativas oriundas da tradição oral feita por alguns escritores latino-americanos desde a infância” (Campoy: 2014, p. 10).

A articulação entre a teoria e a prática nos permite avançar criticamente, além de trazer aos leitores novas possibilidades de pensar a si mesmos e um passado em comum. Caminho este que define espaços de interlocução além dos cânones literários e da história oficial. Aliás, compartilhamos com o autor a ideia de que a fábula e a imaginação atuam de forma mais expressiva na psiqué humana do que a narrativa histórica. Pode-se dizer que esta narrativa

não escapa da peculiaridade ficcional, pois o historiador se vale da imaginação para preencher certos vazios deixados pela documentação. Por conseguinte, a literatura é uma forma de revisar e corrigir o discurso histórico predominante, especialmente porque traz consigo a liberdade na escrita e, conseqüentemente, a valorização de diferentes pontos de vista. Atualmente os historiadores reconsideraram suas posições e, admitem, até certo ponto, interpenetrações entre história, a literatura e a política.

Deste modo, as insinuações fragmentárias de um passado que se entende de forma pessoal e coletiva abre uma oportunidade para pensarmos na inconsistência formativa das nações americanas. A gênese da novela latino-americana em Pigafetta, por exemplo, consistiu na conjugação da memória, imaginação e testemunho (Campoy, p. 3). Ora, este alerta serve para repensarmos as narrativas orais, ontem e hoje, uma vez que sofreram e sofrem transculturações. É o que também podemos chamar de miscigenação cultural, a qual impõe um conjunto de valores e subverte outros. Daí a necessidade de reavivarmos os resquícios, as reminiscências, como por exemplo, as do escritor argentino Héctor Tizón (2006). Aliás, para ele o escritor tem um papel fundamental na reflexão sobre o devir humano: “o que o escritor precisa, mais do que de papel e lápis, é de tempo e, refletir sobre o tempo, que é uma espécie de reflexão sobre seu próprio destino” (La literatura de los escritores). O que aprendemos com estas inquirições? Sem dúvida, a necessidade de salvaguardar a memória e o testemunho e instigar grupos minoritários ou marginalizados a construir seus próprios relatos, embora que estes comportem superposições temporais e de acontecimentos. A ação, mais do que necessária é evitar a negligência e o esquecimento de si e de diferentes identidades num mundo cada vez mais contraditório, marcado pela padronização e pela aniquilação das diferenças.

O que significa estar só estar só no mundo para os latino-americanos? O escritor colombiano Garcia Marquez (1927-2014) responde que a solução para este incômodo sentimento é, ironicamente, a utopia da vida e da felicidade. O sentimento de *solidão* refere-se ao estado emocional de sujeitos que, pelo isolamento ou falta de comunicação, desejam estar do lado de outras pessoas e interagir. Veja-se que o termo também designa um estado de privacidade, que pode, ou não, corresponder a sofrimento, como por exemplo, o isolamento ascético. A indignação do autor tem razão de ser. Tratava-se, nada mais, nada menos do que um misto de reação e de rompimento, tanto com a hegemonia da literatura do realismo maravilhoso (de origem europeia), quanto com a importação ou adoção de modelos econômicos, sociais e culturais. A crítica do autor se dirige para a disfunção do “olhar”, uma vez que “a interpretação de nossa realidade com esquemas alheios só contribui para nos fazer cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários”. Na reivindicação de Garcia Marquez, contesta-se o discurso em que prevalece a ilusão, o delírio, a cobiça, a demência, o genocídio, a repressão política, a tortura, a guerra civil, as mazelas e as injustiças sociais, que desde o período colonial insistem em acentuar escaladas da morte. Contra a morte e a morte em vida, isto é, a daqueles

que ficam deslocados e desamparados, a reivindicação cogitada é a do desejo de liberdade. Nesta manifestação, valorizam-se sujeitos de carne e osso e, ao mesmo tempo, desvelam-se os sujeitos de papel que muitas narrativas dizem ser reais. Nesta luta ferrenha não há nada mais importante do que a literatura, nada mais essencial do que a poesia para plantar nos corações dos homens a semente da consciência, da mudança do olhar e da presença vital dos semelhantes. O problema quem vem depois é o que fazer com a liberdade e como conviver com as diferenças diante das injunções sociais.

Em Gabriel Garcia Marquez (1982, p.10-11), as relações históricas, sociais e políticas são marcadas por temporalidades cíclicas, na medida em que “a teimosia sem fim se confunde com a lenda”. Mais do que isto, sua narrativa não só estabelece um pacto com o leitor, mas também o instiga a entender as relações entre seu cotidiano e as trajetórias coletivas que resultam de sucessivos conflitos e massacres. Nesta forma de interação entre autor, leitor e o mundo, podemos perceber que o nó que devemos desatar é o da consciência em preservar a dignidade humana, pois a “todas as criaturas daquela realidade desafortada temos que pedir muito pouco à imaginação, porque o desafio maior é o da insuficiência de recursos convencionais para tornar nossa vida acreditável”. Através da memória, da imaginação e da oralidade é possível tocar a consciência, despertar as emoções e ponderar sobre as condições humanas no tempo e no espaço, ontem e hoje. Ao compreendermos que não estamos sós no mundo, podemos imaginá-lo melhor. Eis aí mais uma lição de Garcia Marquez, que nos deixou mais solitários em 2014.

MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO E ORALIDADE, O EXEMPLO DE PIGAFETTA (1491-1534)

O podemos dizer das relações que o navegante, geógrafo e escritor florentino Antônio Pigafetta estabeleceu entre memória, imaginação e oralidade em sua obra “Primeira viagem de circunavegação ao redor do mundo”? Como ele considerou a América, as Filipinas e a Indonésia? A necessidade de refletir estas questões é pertinente na medida em que, no passado e no presente, os olhares foram e são múltiplos e contraditórios. A narrativa de Pigafetta, que descreve a aventura marítima transoceânica até as “ilhas das especiarias” (Molucas) é notabilizada pela alta capacidade de fantasiar (*phantasma*) e de imaginar (*imaginatio*). Não nos esqueçamos que ele também cartografou espaços que seriam dominados. Deste modo, convém destacarmos que as referidas associações serviram para alavancar um imaginário extravagante e excludente.

O que é marcante no inventário das diferenças de Pigafetta é a indiferença de seu olhar. Sobre as Américas forneceu informações sobre a fauna, flora, clima, e geografia. Mas a narrativa dava a entender que só havia degeneração e inferioridade. A

ingenuidade, ignorância comercial, bestialidade, longevidade, docilidade, libertinagem, pudor e canibalismo (natural e de vingança) entre os tupis-guaranis eram coisas naturais. Eis suas impressões sobre o canibalismo: “isto me foi contado por nosso piloto Juan Carvajo, que havia passado quatro anos no Brasil”. Mais ao Sul nosso cronista destaca o gigantismo, a adoração ao diabo (xamanismo) e o menosprezo aos corpos dos índios da Patagônia.

Entre o estreito de Magalhães e as Filipinas, imaginação, fantasia e realidade se ampliaram. Seus fundamentos? Os de costume. Menosprezo à natureza e aos homens, arrogância, imposição ideológica, ganância e indiferença. No Oceano Pacífico, num primeiro momento, aflorou a olfação repugnante, como a do fedor insuportável do pão impregnado de urina de rato e da água pútrida e fedorenta. A calma das águas contrastava com a agitação de corpos que passavam fome. A inexistência de ilhas e de viveres obrigou esses argonautas do Pacífico ao desespero extremo, ao consumo de couro dos mastros de suas embarcações e de serragem. Os ratos, antes abomináveis, transformam-se em iguarias que aplacaram a fome. E, de fato, a solidão em alto mar podia muito bem causar morte, desgraça e infelicidade. O único alento diante das tempestades era a manifestação do divino através dos fogos-de-Santelmo. É claro que estas situações motivavam a narrativa de Pigafetta a desencorajar aventura semelhante. Cinquenta e seis anos depois o lendário Sir Francis Drake – para os ingleses um herói e, para os espanhóis, um pirata - correu este risco e, curiosamente morreu de disenteria após incursão mal sucedida em Porto Rico. Mesmo assim, devemos desconfiar da afirmação. Pigafetta não teria hipervalorizado a aventura sem precedentes? Não desejava afastar os rivais? A perspectiva de estar só no mundo, de Garcia Marques é oportuna aqui. O sucesso ou o fracasso revolvem um vasto fundo da história, da memória e da imaginação. Eles entram em cena diante dos êxitos e das provações, que sujeitamos ou nos submetemos, tanto pelo prazer da quanto pela repulsa ao que é, ou não, contrário aos nossos desejos.

Depois, quando o sucesso da conquista era inevitável seu resultado significava a miséria do corpo e do espírito. Em Guan, os navegantes enfermos exigiram a vingança contra ilhéus que negaram alimentação regeneradora. Enquanto as casas ardiam em chamas o intestino do inimigo restaurava a saúde. Como são curiosos os nossos sentimentos. E se os povos oceânicos eram tidos como sem leis, chefes e credo, podemos nos perguntar: quem era selvagem? Navegantes ou insulares? Quem são os devoradores de gente? Não obstante, o sentimento que imperou entre as populações subjugadas diante do poder e da volúpia ibérica foi o da impotência. Mas não sem resistência. Não podemos duvidar de que estes acontecimentos foram incorporados na memória, na tradição oral e nas mitologias de origem desses povos. Para Pigafetta as populações insulares são definidas como gentis, desnudas, tatuadas, corpulentas e engraxadas. Em outros casos elas são vistas como pouco bronzeadas, ociosas, libidinosas, poligâmicas, gulosas e idólatras. Afinal de contas, são ilhas de diversidades culturais.

As culturas insular e moura chamaram a atenção de Pigafetta. A classificação foi sempre na mesma direção, o que define a identidade de uns serve para se distanciar da identidade outra. Uns não comiam carne de porco, outros a consumiam imoderadamente; existiam ainda aqueles que, a exemplo dos benayanos, preferiam a carne humana: “segundo nos contaram, quando prendem o inimigo, arrancam-lhe o coração e comem cru, com suco de laranja e limão”. Sejam os habitantes destas ilhas bronzeados, claros ou “negros como os etíopes”, sejam eles inclinados à magia, à superstição ou ao islamismo, o que os unia e os separa, era a linguagem. Seus padrões culturais, simbólicos e sócio-políticos tiveram importância extrema na comunicação. Daí toda série de desentendimentos entre si e com os europeus. Convém assinalar que junto à comunicação oral se somavam ritos gestuais, os quais eram transmitidos tanto pelo costume quanto pela oralidade. A comunicação com um rei de Borneo era sempre de forma indireta, através de uma “corneta”, de um interlocutor, além de uma reverência, que consistia em erguer as “mãos juntas sobre a cabeça e levantando alternativamente os pés”, por três vezes. Em termos políticos e em alguns casos, a conversa só se iniciava com um beijo na mão do soberano com o qual se ia solicitar algo ou mesmo, no caso dos portugueses e espanhóis, celebrar um acordo, que significava submissão. Além da plêiade de gestos e comportamentos, pode-se verificar a longevidade das tradições orais. Em um dos provérbios de Bornéu, assinala Pigafetta, que para fabricação de porcelana branca “o pai enterra para o filho” uma argila para que o mesmo a utilizasse dali a cinquenta anos.

Pigafetta não agiu apenas no imaginário ao cartografar lugares que deixaram de ser anecúmenos. E, é justamente através da justaposição entre fantasia, imaginação e realidade, que pela primeira vez, ele relacionou, comparou, criou e inventou. Não foi só em relação a si, mas em relação ao outro e ao mundo ao redor. De sua narrativa também podemos, por um breve instante, imaginar o que ele teria deixado de lado, aquilo que viu, sentiu e não descreveu.

As relações personalistas transparecem no texto de Pigafetta. Sem os enlaces entre a coroa, o clero e o próprio narrador a viagem e os privilégios não seriam possíveis. Em troca de concessões ele elaborou algo que pudesse ser útil, prazeroso e, ao mesmo tempo, vital ao empreendimento espanhol no Oriente. A autocensura era intencional, via-se nela uma necessidade porque estava vinculada às relações de cumplicidade e subserviência. Por isso o desejo em não ser prolixo e não enfastiar os leitores-financiadores de sua epopeia. As relações entre memória, imaginação e oralidade são claras. Ele procurou assegurar “por seus próprios olhos a veracidade de tudo que lhe contavam, para depois, contar aos outros, suas viagens”. Por si só a expressão evidencia o desejo de ser reconhecido e lembrado por suas façanhas. Como a viagem buscava caminho alternativo à rota portuguesa, uma vez que vigorava o Tratado de Tordesilhas (1494), o contato com o exótico propiciava à sua imaginação a oportunidade para buscar na memória individual e coletiva dos europeus, referenciais comparativos que pudessem preencher os vazios daquilo que era incompreensível.

Para nós, o sentimento é o de perda, pois a arrogância e a desconsideração ao outro nos destituiu de informações e conhecimento precioso, os quais foram destruídos ao longo da história.

Curiosa é a transformação da figura do narrador ao longo da trama. Além de presenciar acontecimentos ele os protagoniza. Ao colocar-se em perigo nas águas do Pacífico parece dizer aos leitores que se não fosse o milagre da intercessão de Virgem Maria em seu favor, salvando-o, sua narrativa inexistiria. Em outro episódio foi incumbido de acompanhar o rei de Sri Lanka em suas ilhas, estabelecer contatos por intermédio do escravo-intérprete Enrique, oriundo de Sumatra, e registrar todas as informações possíveis a fim de obter vantagens estratégicas. É claro que o papel que ele desempenhou nesse processo foi secundário. Ele era apenas uma peça no intrincado jogo de dominação em escala global. A estratégia era clara: conhecer e conquistar. Seus símbolos foram a cruz, a espada e o canhão. Acrescenta-se ainda o mapeamento linguístico. Os verdadeiros interesses se escondiam sob o manto do poder secular e religioso. No texto se percebe que a todo custo se disfarça a cobiça que se tornava cada vez mais generalizada entre os navegantes: “o ouro abunda, como provam os acontecimentos de que fui testemunha”. Neste caso, a oralidade por si só não tinha valor, pois ela deveria transpor seus limites e figurar no documento escrito que atestava a verdade através de provas. Temos aí, pelo menos, um ponto de convergência entre história, memória e oralidade.

Depois de confessar que os insulares valiam menos do que ouro, Fernão de Magalhães foi vitimado por uma flecha envenenada na batalha de Mactán. Ele pereceu por vários motivos, mas principalmente pela teimosia e imprudência. Desobedeceu as instruções da corte espanhola e negligenciou a resistência dos nativos, bem como os conflitos locais entre os chefes Zula e Cilapulapu. O fator decisivo foi a desvantagem numérica, pois Magalhães colocou em confronto, em ambiente não usual, quarenta e nove espanhóis contra mil e quinhentos ilhéus dissidentes. Não restou outra coisa ao narrador senão enaltecer seu comandante e reclamar seu corpo que virou troféu para os vencedores: “assim morreu nosso guia, nossa luz, nosso sustentáculo”, diz Pigafetta. Essas expressões *post-mortem* se reportam a uma memória coletiva ancestral em que se reconhecem os ideais de cavalaria e da tradição religiosa. A memória de Magalhães deveria ser cultuada por intermédio de seus restos mortais, dos quais sua alma se libertaria. Eis aí a importância do imaginário social no calor dos acontecimentos. Por outro lado, as subjetividades se irradiaram em todas as direções. A conspiração do escravo-intérprete Enrique e do rei Zula não evidencia ressentimentos recíprocos e generalizados? Basta citarmos os exemplos de Juan Serrano (espanhol), que capturado em batalha e prestes a morrer manifesta este sentimento a Odoardo Barbosa (português), que não atende seus apelos de socorro; o escravo Enrique não tinha todos os motivos do mundo para manifestar seu ódio ao navegante Odoardo Barbosa?

Pigafetta nos mostra a dualidade dos objetivos da viagem ao Oriente: “de Sevilha

fui a Valladolid, onde presenteei à sacra majestade de D. Carlos V, nem com ouro nem com prata, mas algo bem mais grato a seus olhos. Ofereci-lhes, entre outras coisas, um livro escrito de minha mão em que, dia, por dia, assinalei tudo o que aconteceu em nossa viagem”. E, de fato, aquilo valia mais do que o ouro que se desejava. Significava um avanço enorme em termos de dominação territorial. Procurava-se demonstrar, equivocadamente, que as “ilhas das especiarias” se localizavam no meridiano espanhol. Somente com o Tratado de Zaragoza (1529) a Espanha renunciou aos direitos sobre essas ilhas, mas a um custo de trezentos e cinquenta mil ducados em ouro para os portugueses. Mas, afinal de contas, por que Pigafetta insistiu em sublinhar a impertinência portuguesa? Era uma tentativa de reabilitar Magalhães frente às recomendações de Carlos V? Tratava-se de evidenciar a fidelidade de ambos aos interesses espanhóis? O testemunho de Pedro Alfonso de Lorosa é indispensável para pensarmos as dimensões coletivas e individuais da memória e do testemunho: “os portugueses efetivamente haviam se estabelecido ali há dez anos, mas que guardavam o mais profundo segredo sobre o descobrimento destas ilhas”. Através dele o narrador confirma não só o ressentimento do rei Manoel I dirigido à Magalhães, mas também a existência de medidas para conter os avanços espanhóis naquela região do mundo, rechaçando-os. Entre elas estavam as expedições de Diego de Sicheira e de Francisco de Faria, as quais não foram exitosas. A primeira se desencontrou de Magalhães nas proximidades do “país dos canibais” e, a segunda encontrou dificuldades em navegar. Note-se também a fragilidade nas relações entre insulares portugueses e espanhóis. Para onde quer que se olhe estavam presentes sequestros, envenenamentos, emboscadas e desconfiança. Veja-se, por exemplo, o episódio da morte de Francisco Serrano e o suborno de Juan Carvajo, que teria libertado indevidamente um prisioneiro de guerra, indispensável para uma barganha. A narrativa revolve as motivações da renúncia de Magalhães à coroa Portuguesa e os vínculos sociais e familiares com Diogo de Barbosa, os quais lhe abriram as portas para a Casa de Contratação e negociações com o rei Carlos I, da Espanha. Desta maneira, Pigafetta não poderia terminar seu diário sem destacar o heroísmo dos navegantes que enaltecera a pátria, servindo-a com zelo e com o próprio sangue. É claro que podemos chegar a várias conclusões sobre a narrativa de Pigafetta, uma vez que ele trabalhou como o real e o verossímil, com a imaginação e a oralidade, com a fantasia e a realidade. Em nosso ponto de vista, reiteramos o enfoque da extravagância e da exclusão, uma vez que o outro foi definido por referentes que se julgaram os mais próprios.

ENSAIO E TEMPORALIDADE

As relações entre ensaio e temporalidade são no mínimo curiosas e instigantes. Abrangem duas dimensões distintas: a do gênero literário, que se refere à ação informal de pensar, tal como fez inicialmente Michel de Montaigne (1533-1592) e, à

narrativa adotada pelo historicismo relativista, a exemplo de Jacob Burckhardt (1818-1897). No âmbito das filosofias hispano-americana e luso-brasileira, entendemos que tais premissas, sobrepostas e contraditórias, constituem-se como “locus” privilegiado de análise sobre a América e o ser americano.

O ensaio é entendido como uma filosofia da história, principalmente porque coloca em discussão a ideia de nação, nacionalidade, identidade e integração nacional, os quais se vinculam aos aspectos políticos, econômicos e culturais. E, de fato, o gênero ensaio não é muito valorizado pelos historiadores, que tendem a considerar mais os procedimentos relacionados à teoria da história e historiografia. E por acaso o espaço, a territorialidade, o arquivo, a historiografia nacional, a identidade e a celebração não dizem respeito aos vínculos dos sujeitos com uma construção histórica, social, política e cultural? O ensaio não é, simultaneamente, objeto de investigação do historiador e uma possibilidade de narrar uma versão dos acontecimentos? Por outro lado, a crítica literária não vê neste gênero um importante veículo de contraposição às historiografias nacionais?

Para Maíz se destacaram duas linhas de pensamento sobre o tempo e espaço, as quais confrontam os ideais de felicidade e progresso aos de desilusão e desencanto. Neste sentido, a figura do intelectual se acentuou durante os períodos de crise, tanto no século XIX, que trazia consigo a ambiguidade da *Belle époque* e do *fin de siècle*, quanto nas primeiras décadas do século XX, marcadas por guerras mundiais, crises econômicas, entreguerras (Guerra Civil Espanhola, franquismo), etc. Aos filósofos da história hispano-americana e luso-brasileira se impunha a necessidade interpretar o impacto destes acontecimentos em seus respectivos países e suplantar as interpretações anteriores.

As interpretações da realidade latino-americana, fundamentadas, em geral, na cultura alemã, eram distintas: ora se entendia que ela ensejava o progresso, ora ela era vista como objeto de uma invenção discursiva que deturpava a realidade. Assim, a simultaneidade temporal, isto é, a relação entre “o passado (tempo da memória), o presente (tempo da visão ou da intuição), e o futuro (o tempo da espera)”, mudou a noção de tempo, possibilitando o questionamento dos ideais de progresso, ação política, de destino da América Latina, bem como sua relação com a espacialidade (MAÍZ: 2014, p. 4).

É pertinente questionar as consequências destes desajustes, uma vez que a realidade americana era bem diferente daquela que era descrita. Sem dúvida, a inquirição de Maíz é acertada, na medida em que, os embates provocaram mal estar entre os intelectuais, mediante a recusa em aceitar teses não condizentes com a realidade. A reescrita da história pelo viés ensaístico resultou num revisionismo mais próximo do real, pois à margem das esferas de poder, podia-se denunciar os problemas políticos e sociais dos países latino-americanos. As noções de tempo e espaço eram fundamentais à sua constituição. A título de exemplo, destacamos algumas destas divergências, delineadas por Maíz: o futuro político continental em gestação de

Carpentier - Cuba; a contraposição ao tempo capitalista norte-americano (o tempo enquanto espera) pelo tempo de maturação (o ser alguém) da América Latina, de Alberto Buela - Argentina; a história como fatalidade e tragédia para os indígenas, seu estranhamento à ideia de progresso, de Mariano Picón-Salas - Venezuela; o desajuste entre o espanhol e o espaço americano, e, depois, a ininteligibilidade à ideia de progresso, a América enquanto criação da Europa, de Pietri - Venezuela; a condescendência com a cultura europeia e a percepção de que a América Latina seria a fronteira Ocidental da Europa, em Reyes - México, entre outros.

Pode-se concluir que a natureza dos ensaios sobre a temporalidade latino-americana permite pensarmos as relações entre o imaginário e o simbólico: “o hispanismo, ou o hispano-americanismo como única trilha de trânsito em certos ensaios abriu sérias dúvidas sobre a viabilidade de se alcançar a harmonia no desenho simbólico das nações” (Maíz: 2014, p. 7). De um lado, a projeção imaginária da nação e da identidade, de outro, a real significação deste processo entre os entes nacionais. A existência de paradigmas rivais funde em sua matriz, o mesmo objeto: “afinal de contas, a presença do mito não faz senão colocar em evidência a irrealização do presente, um mal estar que motiva o revisionismo histórico. A ensaística em torno do tema histórico, mais do que seu valor científico, merece ser revista pelos sentidos históricos que esconde” (MAÍZ: 2014, p. 9).

Como ver a si mesmo e os outros nas Américas? Os modelos discursivos e visuais podem nos dar uma ideia de como a nação e a nacionalidade foram elaboradas. Na perspectiva de Maíz, a representação da nacionalidade e da identidade se dá pela junção dos discursos, das imagens, do imaginário e da celebração. Isto significa dizer que é perfeitamente possível refletir sobre uma tipologia das representações e das imagens em torno da América e do ser americano: “assim, parece clara a fecundidade dos enlaces entre história, natureza e modos de ver para descrever núcleos representativos da nacionalidade nos textos ensaísticos hispano-americanos, um dos propósitos deste trabalho” (MAÍZ: 2014, p. 2b).

Afinal de contas, quais imagens são frutos de enaltecimento e de desprezo? Quais são os caminhos e descaminhos destas representações? Os elementos naturais sempre desempenharam um papel essencial no desenvolvimento da humanidade. E, desde a conquista da América, considerou-se mais o ambiente do que seus habitantes. Tal afirmação requer atenção, pois devermos considerar os fluxos e refluxos conceituais (MAÍZ: 2014, p.7b). Logo, percebem-se as contraditoriedades, a ausência da alteridade em relação ao conquistado, e vice-versa. O europeu valorizou o mar, o nativo americano a montanha (Arciniegas). Depois da revolução nas Américas, o olhar se voltou para a água (Padilha). É claro que os referentes físicos são objetos de mitificação e, arbitrariamente eles definem, em termos políticos, as relações sociais internas e externas. De qualquer maneira, existem inúmeras correspondências entre a representação da natureza e a constituição do ser latino-americano. Além do discurso, a pintura, trouxe como referentes à imagem política da nação (Rugendas), além de

sensibilidades, como por exemplo, a melancolia quando a natureza parecia se revoltar através de tempestades, abalos sísmicos e vulcanismo (Guillén).

Da mesma maneira, a dimensão social e política na interpretação visual das Américas deveria considerar melhor a valorização humana. A paisagem americana pode ser considerada como uma miragem, sobretudo a da América Central, que induz a perceber a felicidade na natureza. Mas esta mesma natureza não revela suas imposições aos homens, tão pouco pode se vislumbrar nela as atrocidades cometidas durante os confrontos humanos (Ugarte). São significativas as reflexões de Maíz sobre os ensaístas Rojas e Padilha. Nas novas repúblicas latino-americanas os embates entre os referentes ar e mar demonstraram instabilidades formativas em torno da utopia, seguida de desencanto com a realidade. Em Rojas (Cuba), a distinção entre os revolucionários e conservadores contribuiu decisivamente para mapear marcos ideológico-políticos sobre as questões étnicas, econômicas e culturais. E, de fato, produziram-se ideias disformes acerca do desenvolvimento econômico e social das nações latino-americanas, tanto pelo anti-imperialismo quanto pelo seu oposto, o nacionalismo continental de vertente romântica. A metáfora aérea serve muito bem para definir a falta de sustentação no desenvolvimento das nações e do sentido de identidade, as quais oscilaram ao sabor dos ventos, isto é, das circunstâncias. Por outro lado, a oposição entre as correntes telúricas e aquáticas é vista por Padilha como signo político da nacionalidade. Nas Américas, a presença da massa líquida transformou a ilha em metáfora de isolamento. Assim, predominava o arquipélago de solidão entre mexicanos e cubanos, sendo o naufrágio um paradigma a ser superado. Em outros termos, as culturas europeias fizeram do mar sua ponta de lança, enquanto os latino-americanos viam nele um obstáculo, mais do que ambiente de cumplicidade. Neste sentido, é necessária a busca pelas origens para identificarmos os desenlaces ensaísticos e seus efeitos, ontem e hoje, bem como o desafio de “descobrir outros sentidos de religação” com o passado latino-americano, pois “do sopro pessimista destes ensaios recentes é provável que saiam novas respostas” (Maíz: 2014, p. 14b).

Nesta mesma direção podemos acrescentar as reflexões de Sacoto (1993). Isto porque elas estão alinhadas às de Maíz no que tange o objeto de interesse comum, o ensaio. De um lado, valoriza-se o papel discursivo-imagético na formação da identidade e da nacionalidade e, de outro, o discurso ensaístico é interpretado como elemento de disseminação da ideia fracasso nas sociedades latino-americanas.

É consensual o fato de o gênero literário ensaio ser a manifestação do olhar crítico, libertário e informal. E, neste sentido, a realidade americana foi vista de distintos ângulos, embora que “em alguns casos chega à polarização” (SACOTO: 1993, p.57). No entanto, a dúvida que atormenta o ensaísta e crítico literário equatoriano é a legitimidade discursiva. Daí seu questionamento às normalizações que fundamentam uma busca pelos princípios de verdade nos referidos discursos: quem tem razão, otimistas ou pessimistas? De antemão, consideradas as devidas dimensões históricas, culturais, políticas e sociais que envolvem cada sentença, pode-se dizer que, cada

versão possui um princípio de verdade, exceto aquelas que pregam o domínio, a degeneração e a detração do outro. Neste caso, o maior desafio, apontado por Sacoto, é o da sobreposição de ideias e de maneiras de ser, as quais derivam da existência outra.

A reavaliação das versões do sucesso e do fracasso da América e do ser americano exige a constituição de espaço privilegiado de reflexão, que é, de qualquer maneira, panorâmica, limitada e provisória. O pessimismo comparativo (entre Estados Unidos e América Latina), de Carlos Rangel, reveste-se em princípio de competência (já que no sistema capitalista, uns ganham à custa dos outros), de Eduardo Galeano, ou, por outro lado, o modelo de luta pela liberdade dos Estados Unidos, transforma-se em símbolo da perversão e da ganância (Leopoldo Zea). As formas de interpretar a América hispânica são abundantes: Borges, filosofia; Ariátegui, materialismo dialético; Alfonso Reys, esteticismo; Gonzales Prada, anarquismo; Pedro Henrique Ureña, humanismo; Alberdi, regionalismo; Sarmiento, derrotismo; Martí, americanismo; Bolívar, filosofia.

Mais deprimente do que qualquer coisa foi o tratamento conferido às populações autóctones. O desenvolvimento das nações americanas teve como elemento de segregação a pureza racial. Assim, o índio foi considerado um ser inferior, um entrave ao avanço civilizacional (Sarmiento, Echeverría, Mitre e Alberdi). Em alguns casos, como no da Argentina, ele servia apenas como mão-de-obra. Daí a humilhação, a expropriação da terra em detrimento do imigrante. Em contrapartida, o índio é compreendido como semelhante, que sofreu desde a conquista. Não é um empecilho, ao contrário é o elemento essencial do solo nutridor da hispano-américa (Martí): “se Sarmiento acredita que a solução para os problemas do país estava em sua europeização, Martí vê o porvir da América no desenvolvimento das capacidades imanentes do índio” (SACOTO: 1993, p. 58). Grosso modo, trata-se do embate entre o humanismo e o industrialismo. Os olhares enviesados também se manifestaram em relação ao espanhol. Sua figura é representada pelo ser imoral, trapaceiro, ganancioso, que serve de referencial à nacionalidade exaltada (Sarmiento). Apesar dos atropelos da conquista, dos vícios, da preguiça e do orgulho, não faltaram elogios ao legado cultural hispânico (Montalvo).

A constatação de Sacoto é a de que, no século XIX, o ensaio serviu a uma série de inferências, pois “relaciona, contrapõe, corrige analisa, enumera divergências nas formas de pensar”. Isto leva este autor a contextualizar a história americana e europeia para explicar o que supõe ser a história de um fracasso. Entra em cena a comparação entre a América Latina e os Estados Unidos. Como explicar que a primigênia de cidades, universidades e imprensa não significava uma vantagem competitiva? Não era vantagem ter grande contingente populacional se as oportunidades se restringiam a poucos. As explicações para as defasagens crônicas, isto é, a ausência de realizações, desempenho e planejamento emanavam do positivismo, do arielismo (de José Enrique Rodó), as quais se amparavam nos princípios científicos da época.

A primeira linhagem explicativa confere o atraso à miscibilidade entre povos, pois se considerava que estava presente “[...] o conceito de superioridade ou inferioridade das raças, [...] raças biologicamente superiores e a atitude destas para sobreviver a expensas das inferiores” (SACOTO: 1993, p. 63). Na segunda linha defensiva explicava-se o atraso pela ausência de competência política, econômica e social. Faltava ali, segundo se entendia, o calor cívico. Para Sacoto, estas duas vertentes não forneceram explicações convincentes. Ao contrário, os discursos contraditórios construíram conjuntamente um *locus* utópico permanente. Note-se, por exemplo, seu teor em Vasconcelos, Ureña, Reyes, Salas, Iduarte, Pietri, Cevalos, Garcia, entre outros, que defendem a mestiçagem e refutam o positivismo. Sacoto levanta uma questão importante, a busca do ser e da identidade latino-americana está longe de se concretizar. As respostas estão em nós mesmos e não apenas nos outros. E, de fato, não podemos falar da exclusividade do fracasso se considerarmos a ambiguidade das relações humanas. Uma das explicações, diante de tantas outras, é a própria história, que se revela através de ensaios. Este é o desafio proposto pelo autor, entender o ensaio como chave para desentranhar o ser, “caso contrário estaríamos lutando contra fantasmas” (SACOTO: 1993, p. 67).

Em relação aos textos aqui comentados podemos acrescentar, pelo menos, duas considerações. Os processos presentes na América hispânica ocorreram de forma correlata no Brasil. É claro que sob outras circunstâncias, contexto e influências culturais. Veja-se que, no início do século XX, Affonso Celso (Por que me ufano do meu país, 1900) entendia que os problemas políticos e econômicos do Brasil eram resolvidos pela integração nacional, pela natureza, pela mestiçagem e pela história, que valorizava a matriz lusitana; seu maior símbolo repousava no bandeirante (sertanista) de São Paulo, que abria as fronteiras brasileiras e “amansava” os índios. Contudo, para Paulo Prado (Retratos do Brasil, 1928) a história brasileira tinha como legado histórico a perversão, pois suas bases se assentaram nos prazeres carnavais (português-índia-negra), na ambição pelo ouro (na extinção de comunidades indígenas), e na amargura. Neste caso, o ressentimento entre os brasileiros também era uma forma de reação às injustiças sociais. Holanda (Raízes do Brasil, 1936), por sua vez, desmistificou o sentimento de cordialidade entre os brasileiros, demonstrando que a democracia brasileira era um mal entendido, pois desde a colonização, a associação entre as esferas pública e privada impediu o desenvolvimento nacional. Por fim, Gilberto Freyre (Casa Grande & Senzala, 1933) destaca que, em termos psíquicos, sociais e históricos, a sociedade brasileira resultou do equilíbrio de antagonismos. O resultado foi a adaptabilidade do brasileiro às inúmeras circunstâncias que lhe eram adversas, como por exemplo, a manipulação afetiva da linguagem pela mulata dentro da casa grande.¹ Com Marlyze Meyer (2001, p. 20) aprendemos uma outra história do Brasil. No século XIX, enquanto a história trabalhava o nacional sob o viés ficcional,

¹ Ver texto encaminhado ao fórum Memória, Archivo y Testimonio: Kobelinski, M. Las raíces históricas y sociales del ufanismo y de resentimiento em Brasil.

a literatura revelava o Brasil concreto. Pelas letras, o paraíso se transformou em seu oposto: “desde as origens, portanto, um hiato entre o Brasil que se vai descobrindo pela palavra escrita e o Brasil tal como se vai estruturando no concreto. Ao mesmo tempo que vai desenrolando a descoberta retórica, o verdadeiro país vai-se configurando: evangelização a ferro e a fogo, ocupação violenta do solo; medo e exorcismo diante da natureza que vira de cabeça para baixo o ciclo sazonal já domesticado na Europa; estruturação da propriedade, da família, do poder, latifúndio, homens dispersos, cana, minas, escravidão”.

Em segundo lugar, cabe-nos fazer um comentário sobre a rápida alusão de Sacoto (1993, p. 57) à obra “A invenção da América”, de O’Gorman. O texto é pessimista, porém destaca o papel do mito na narrativa, na qual surge a figura do piloto anônimo. A obra analisa fatos e estruturas de pensamento de Colombo, e como tal pensamento contribuiu para sua jornada à América. Devemos ter em mente que aquele navegador viveu num período de transição da Idade Média para a Idade Moderna. Logo o pensamento religioso, que era predominante, levou Colombo a tirar suas próprias conclusões acerca da navegação e das terras desconhecidas. Destrinchar discursos foi o que fez O’Gorman: “Será mesmo que Colombo descobriu ou acabou reencontrando a América?” A partir desse enfoque o autor prende o leitor numa narrativa de cunho histórico-filosófico, que coloca em maus lençóis a historiografia tradicional. A América não era fruto de uma descoberta, mas de uma invenção. Seres humanos já a ocupavam desde os tempos imemoriais. A América era uma imposição dos ideais hispânicos e, portanto, sua natureza e sua gente deveriam se adequar e se submeter.

Podemos dizer ainda que os conceitos de tempo, escrita e fracasso são entendidos por Maíz e Sacoto como plurais. E se eles são multifacetados, contrapostos e ofuscantes à compreensão é preciso buscar seu sentido e historicidade. Neste caso, a literatura e a crítica literária são ferramentas imprescindíveis, pois permitem pensar sujeitos, ideias e conceitos. É deste emaranhado de princípios de realidade e ficção que se construiu uma tênue ideia da formação dos seres latino-americanos e de suas nações.

Podemos constatar que as possibilidades de refletir as relações entre História, memória, imaginação e oralidade são extraordinárias. Por isso a necessidade de verificar seu alcance e desdobramento para que não fiquemos ilhados com narrativas que pensamos ser outra. Há que se levar em conta que nossa existência depende da interação social. Alguns exemplos aqui delineados pelas narrativas tocam nos temas da intolerância e da indiferença, os quais precisam ser mais bem esmiuçados. Eles se inscrevem nos mecanismos mentais que predominaram em determinada época. Não podemos revertê-los, mas é possível reinterpretá-los à luz da história e da literatura. No mínimo, pode-se vislumbrar o horizonte do vir a ser, o de um mundo melhor, apesar da distância que nos separa da realidade.

REFERÊNCIAS

Campoy, Emiliano Matías (2014). “Memoria, imaginación, oralidade”. In: Memória, archivo y testimonio: Perspectivas actuales de nuestro pasado latinoamericano Mendoza, UNCUYO.

CELSO, Affonso de A. F. **Por que me ufano do meu país: right or wrong, my country**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1943.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & Senzala: introdução à sociedade patriarcal no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAÍZ, Claudio. Ensayo y temporalidad. In: **MEMORIA, ARCHIVO Y TESTIMONIO: Perspectivas actuales de nuestro pasado latino-americano (Curso de pós-graduação em Letras)**. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2014, p. 1-15.

MAÍZ, Claudio. *La historia en el ensayo de la historia. Complejas conexiones entre tempo y escritura*. S.l., s.d.; Antonio Sacoto. *El ensayo hispanoamericano y la supuesta historia de un fracaso*, Kipus, Revista Andina de Letras, n. 1, 1993: 55-67.

MÁRQUEZ, Gabriel García (1982). “La soledad de América Latina”.

MEYER, Marlize. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Pigafetta, Antonio (2012). “Primer viaje alrededor del globo. La crónica en vivo de la expedición Magallanes-Elcano (1519-1522)”. Sevilha, Fundación Civilliter.

PRADO, Paulo. **Província & nação**. Paulística. Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972.

SACOTO, Antonio. El ensayo hispanoamericano y la supuesta historia de un fracaso”, **Kipus, Revista Andina de Letras**, n. 1, 1993: 55-67.

Santiago Villa Chiappe. “En torno al Caribe: Arciniegas y Benítez Rojo”, *Historia Crítica*, n. 29, enero-junio 2005.

“La diversidad del pasado” de Rafael Rojas. En: Rafael Rojas. *La máquina del olvido*. Mito, historia y poder en Cuba. Madrid: Taurus, 2012.

Antonio Sacoto. “El ensayo hispanoamericano y la supuesta historia de un fracaso”, Kipus, *Revista Andina de Letras*, n. 1, 1993: 55-67.]

Iván de la Nuez. *El mapa de sal. Un postcomunista en el paisaje global*. Cáceres: Editorial Periférica, 2010.

Iván de la Nuez. *Fantasia roja. Los intelectuales de izquierda y la revolución cubana*. Barcelona: Debate, 2006.

Román de la Campa. “Latinoamérica y sus nuevos cartógrafos: discurso poscolonial, diásporas intelectuales y enunciación fronteriza”, *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, Nums. 176-177, Julio-Diciembre 1996: 697-717.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração da Justiça 179, 180, 183
África Austral 202, 203, 204, 209, 210, 211
Africanos 47, 49, 51, 122, 134, 135, 162, 163, 164, 166, 173, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 203, 207, 208, 209, 210
Alienação Parental 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89
América Latina 1, 8, 9, 11, 14, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 127, 128, 129, 137, 155
Anticomunismo 153, 155, 156
Ascensão Social 33
Assistência 145, 147, 151, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 197, 206

B

Base Curricular 101, 104, 108
Brasil Colônia 126, 129, 130, 138, 212

C

Colônia de Moçambique 179
Constituição Federal 65, 66, 70, 71, 72, 73, 75, 106
Cotidiano Escolar 112, 113, 116, 117
Cultura 8, 9, 19, 22, 23, 25, 38, 44, 48, 51, 62, 76, 79, 81, 90, 91, 94, 95, 96, 100, 106, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 129, 130, 135, 138, 169, 177, 178, 181, 182, 183, 201

D

Deslocamentos forçados 202, 203, 206, 207, 209, 210
Diálogos Contemporâneos 15, 26, 40, 54, 65, 77, 90, 101, 112, 118, 126, 139, 153, 162, 170, 179, 191, 202, 212
Diocese 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201
Dom João da Mata 191, 192, 194, 199, 200, 201

E

Educação 33, 34, 36, 42, 47, 51, 67, 91, 96, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 126, 128, 129, 130, 131, 134, 137, 138, 142, 148, 152, 161, 173, 174, 177, 178, 181, 182, 189, 194, 199, 204, 209
Educação Superior 33, 106, 110, 126
Escravidão 71, 118
Estado 2, 23, 29, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 88, 102, 103, 112, 128, 129, 131, 135, 143, 147, 148, 149, 151, 156, 157, 158, 160, 169, 174, 179, 180, 182, 183, 188, 192, 196, 197, 201
Estereótipos 118, 121, 123, 124, 125, 207
Extrema-Direita 153, 155

F

Família Contemporânea 77, 78, 79

Fontes 15, 16, 17, 18, 25, 38, 39, 64, 100, 124, 151, 153, 156, 160, 162, 177, 178, 183, 185, 187, 189, 201

Formação Médica 139

G

Gênero 7, 8, 10, 19, 20, 28, 39, 64, 86, 92, 94, 144, 175, 179, 184, 185, 187, 188, 189, 202, 204, 205, 206, 209, 210

H

História da psiquiatria 149, 151

I

Identidade 5, 8, 9, 10, 12, 25, 54, 55, 60, 63, 64, 78, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 106, 113, 153

Ideologia 43, 72, 78, 79, 88, 110, 136, 153, 156, 158, 173

Igualdade Racial 112

Infância 1, 56, 148, 158, 170, 172, 176, 177, 178

J

Jean-Jacques Rousseau 23, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74

L

Literatura 1, 2, 3, 13, 15, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 36, 39, 42, 45, 54, 63, 68, 96, 100

M

Manaus 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Manoel Bomfim 40, 41, 42, 43, 45, 50, 51, 52

Manuel de Oliveira Lima 40, 41, 43, 45, 50, 52

Maria Graham 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25

Matrizes Afro-brasileiras 112, 114

Migrações 202, 206, 208, 209, 210, 211

Mulher viajante 15

N

Narrativa 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 15, 22, 35, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 118, 122, 123, 132, 156, 157, 158

Neoliberalismo 101, 102, 103, 110, 155

O

Oralidade 1, 3, 5, 6, 7, 13, 14, 91, 93

P

Paul Ricoeur 54, 63, 64

Poder 4, 6, 8, 13, 14, 16, 32, 49, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 99, 102, 103, 109, 115, 127, 131, 135, 137, 140, 146, 156, 157, 176, 179, 184, 187, 188, 192, 196, 209

Práticas Fúnebres 162

R

Relatos memoriais 1

S

Santa Casa de Misericórdia 170, 172, 174, 176, 177, 178

Santo Antonio de Jacutinga 162, 165, 166, 167, 168

Século XIX 25

Século XX 139

Sociedade 12, 14, 29, 33, 37, 41, 42, 48, 67, 68, 69, 70, 76, 81, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 135, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 167, 170, 171, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 212

T

Teoria da História 8, 26, 189

 **Atena**
Editora

2 0 2 0